Nº 46| 24 DE ABRIL DE 2026

INFORMA-SE

Uma publicação do Instituto Genildo Batista

QUANDO A SALA DE AULA VIRA ALDEIA

Alfabetização e Cultura Puri: um relato de experiência na Turma Arco-íris

Semeando palavras no chão fértil da memória!

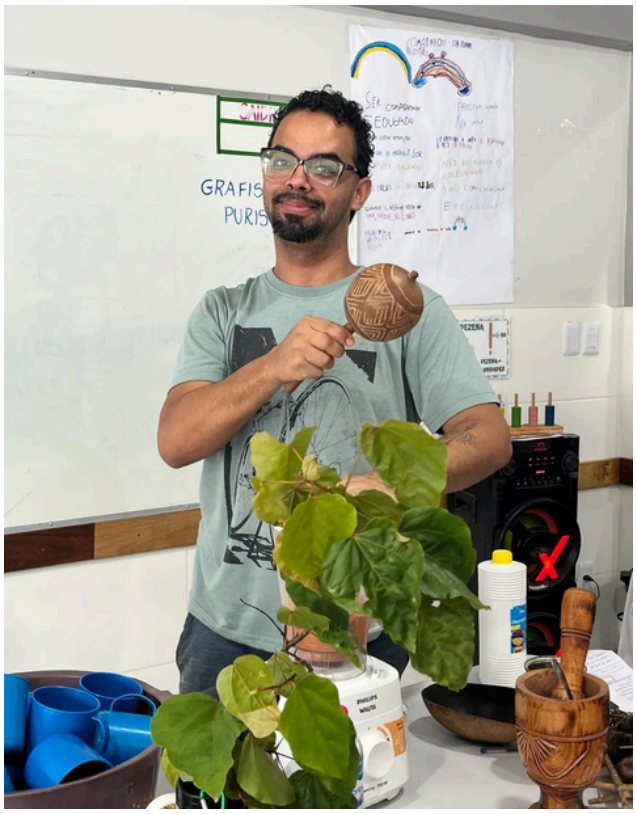
O **INFORMA-SE número 46** traz uma experiência de alfabetização maravilhosa e de um profundo significado: o cultivo de "aprendizagens que fundamentam o **sistema de escrita alfabética** e o desenvolvimento do **pensamento matemático**", tendo como raiz a **Cultura Puri** — **presença viva**, embora tantas vezes silenciada por um processo histórico que insistiu em apagar aquilo que **jamais deixou de existir**.

O que diz o professor Humberto Michaelli...

Escrevo como quem semeia palavras no chão fértil da memória, na tentativa de guardar, em linhas sensíveis, a beleza de **uma semana que não coube apenas no tempo cronológico** — ela se expandiu em **afetos**, em **descobertas** e em **reencontros** com **aquilo que nos constitui enquanto gente, história e território.**

Solicitamos que leiam, debatam e divulguem o INFORMA-SE número 46

O professor Humberto prossegue falando sobre a origem da proposta...



Nossa proposta **nasceu como quem acende um fogo antigo** (estamos aprendendo com os Puris, desde o dia 04 de março): **o desejo de seguir cultivando aprendizagens que sustentam a aquisição do sistema de escrita alfabética e o desenvolvimento do pensamento matemático, mas não de forma árida ou mecânica.**

Ao contrário, **escolhemos o caminho do encantamento, tendo como raiz a Cultura Puri** — presença viva, embora tantas vezes silenciada por um processo histórico que insistiu em apagar aquilo que jamais deixou de existir.

E confessa...

Em meio a esse percurso, confesso: houve dúvida.

Em certos momentos, **sentado na sala dos professores, cercado por pilhas de atividades prontas, reproduzidas em folhas frias e silenciosas, questionei-me sobre o caminho que escolhi trilhar**.

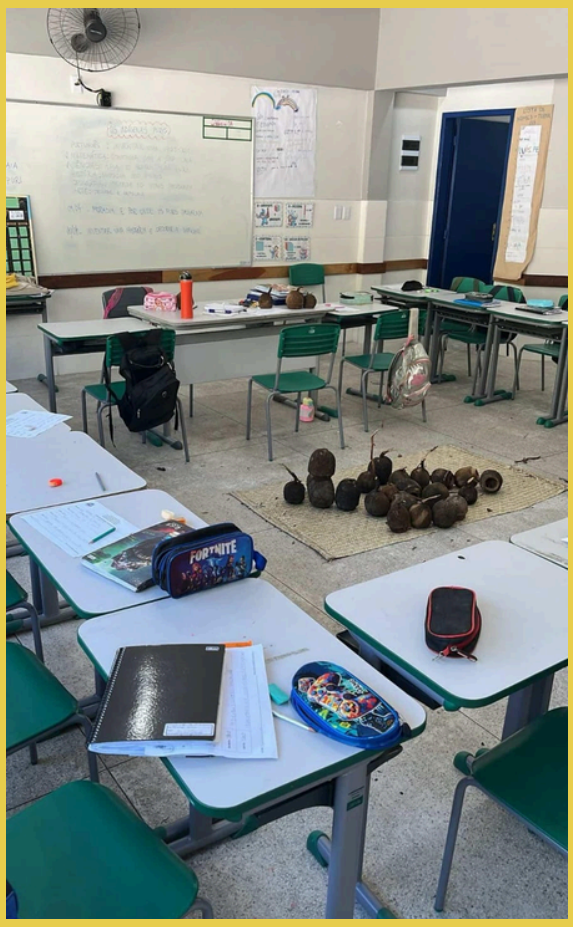
Enquanto o **imediatismo das cópias** parece oferecer respostas rápidas, **meu fazer exige tempo — tempo de pesquisar, de escutar, de sentir, de traduzir saberes em linguagem acessível, viva, pulsante para crianças do segundo ano da turma Arcoíris.**

E então compreendi: o que construímos não cabe na pressa. É obra de cuidado, e tudo que é cuidado floresce devagar.

O som das cuias ecoou como um chamado antigo...

E o professor Humberto prossegue nos falando sobre essa fantástica experiência escolar...

No **primeiro dia**, levei para a sala **cuias de sapucaia** — pequenas **cuias de madeira que carregam histórias ancestrais**. Não disse muito. Deixei que o encontro acontecesse. **As mãos curiosas das crianças tocaram, empilharam, escutaram.** O som das cuias ecoou como um chamado antigo, **e logo o espaço se encheu de vida**. Falamos da sapucaia, **árvore sagrada para o povo Puri, guardiã de alimento e também de passagem** — pois **sob sua sombra descansam aqueles que partiram, rumo ao vale das sapucaias, onde a abundância e a alegria são eternas.**



Vida, texto coletivo, aprendizagem, poesia e música!

Entre **cheiros**, **descobertas** e **olhos atentos**, construímos juntos um **texto coletivo**. Eu, como escriba, apenas emprestei a mão — **as palavras eram delas, nascidas da experiência**.

Com as próprias cuias, **brincamos de separar frases, contar sílabas, perceber o ritmo da língua.**

Era alfabetização, sim — mas também era poesia.

E daquele som que antes era disperso, nasceu música.

Organizamos o barulho em ritmo, e juntos cantamos "HO HO BUGRE".

Houve quem dissesse que o barulho era demais – **Com certeza era gente que não sabia o tanto de tempo que tudo aquilo foi silenciado**. E talvez fosse.

Mas penso:
por que certos ruídos são tolerados enquanto outros, carregados de sentido e criação, são silenciados?

A escola, afinal, não deveria ser lugar de vida?

E a matemática ganhou corpo, cor e pertencimento, com a mediação do professor Humberto, que nos diz...

No **segundo dia**, a matemática ganhou corpo, cor e pertencimento.
As **cuias** voltaram, agora como **instrumentos de contagem, de cálculo, de pensamento.**

A sala transformou-se em aldeias.
Cada **grupo**, uma **comunidade**;
cada **líder**, um **cacique**.
E eu, **mediador entre mundos**, fui **pajé** daquele **território de aprendizagem**.

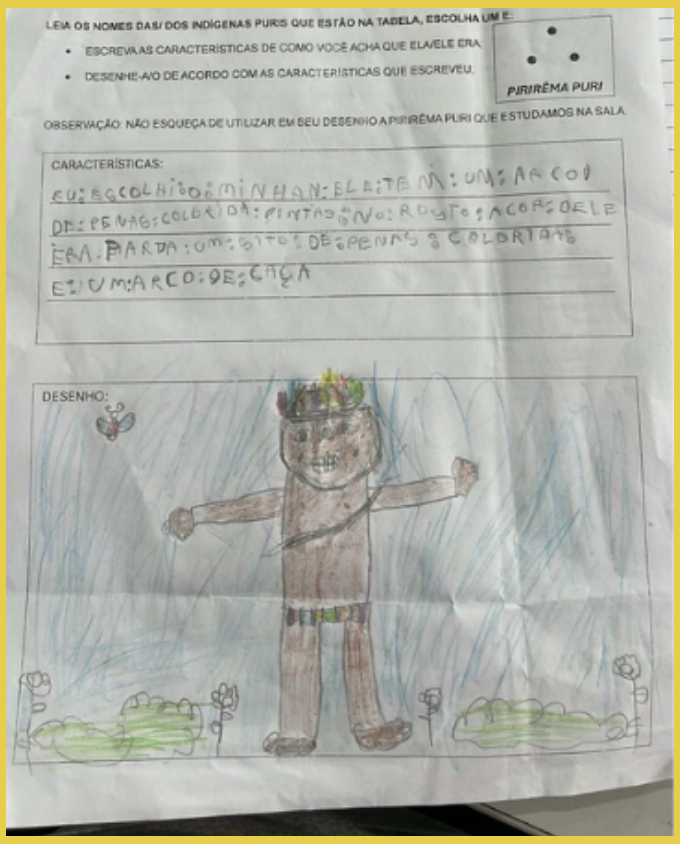
As operações deixaram de ser números soltos no papel — tornaram-se **ações concretas, compartilhadas, vividas.**
Resolver problemas era também conversar, interpretar, escutar o outro.
E ali, sem imposição, a disciplina florescia como consequência do sentido.

A água — fonte de vida, sagrada para os Puri — tornou-se objeto de investigação e reverência...

No **terceiro dia**, fomos **cientistas**. A **água** — fonte de vida, sagrada para os Puri — tornou-se **objeto de investigação e reverência**.

Filtramos, observamos, registramos.

Cada palavra escrita carregava não apenas uma função escolar, mas um compromisso com o mundo.


LEIA OS NOMES DAS/ DOS INDÍGENAS PURIS QUE ESTÃO NA TABELA, ESCOLHA UM E:

- ESCREVA AS CARACTERÍSTICAS DE COMO VOCÊ ACHA QUE ELA/ELE ERA.
- DESENHE-A/O DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS QUE ESCREVEU.

PIRIRÉMA PURI

OBSERVAÇÃO: NÃO ESQUEÇA DE UTILIZAR EM SEU DESENHO A PIRIRÉMA PURI QUE ESTUDAMOS NA SALA.

CARACTERÍSTICAS:

EU ESCOLHI O MINHAN ELA TEM UM A COI
DE PENAS COLORIDA PINTAS NO RUSTO A COR DELE
ERA PARDA UM SITIO DE PENAS COLORIDAS
E UM ARCO DE CAÇA

DESENHO:

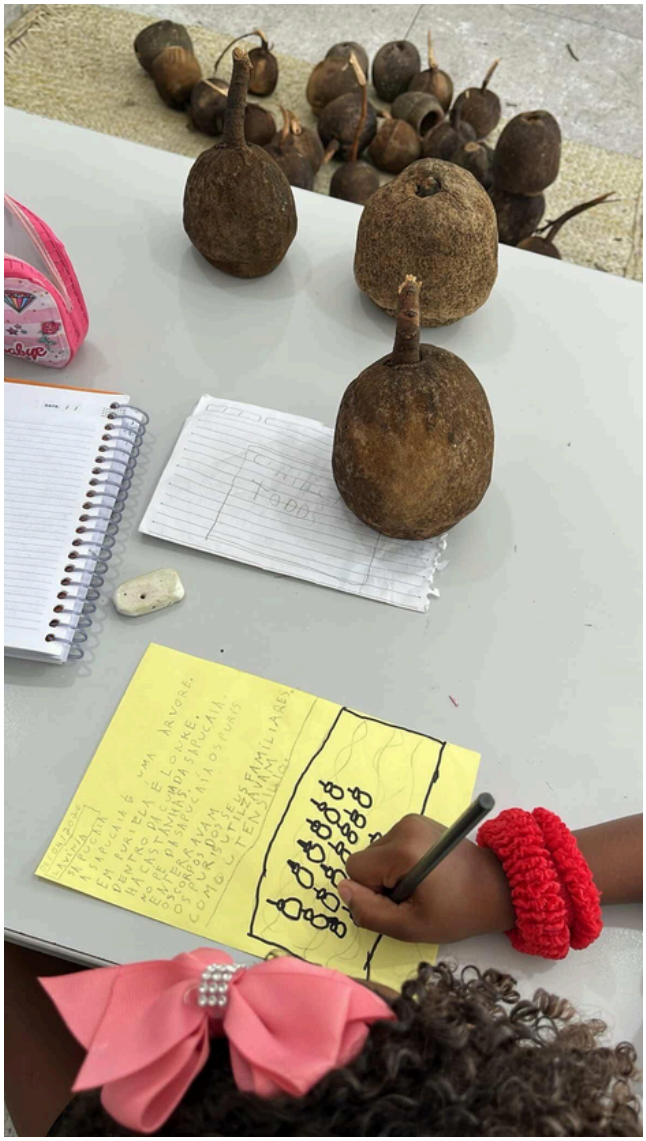
Arquitetura indígena: formas de habitar o mundo com mais harmonia

No **quarto dia**, olhamos para as **moradias**.

A **arquitetura indígena**, registrada por **olhares históricos** como os de **Debret**, nos ajudou a imaginar formas de habitar o mundo com mais harmonia.

As maquetes ficaram para depois — como sementes guardadas para o tempo certo.

E então chegou a sexta-feira, com suas cores. Pintamos as sapucaias como quem devolve à matéria sua dimensão simbólica.



Na próxima semana, sobre essas cores, virão os grafismos — traços ancestrais que resistem ao tempo e nos lembram de quem somos.

Ao final dessa travessia, compreendo que alfabetizar não é apenas ensinar letras e números. É inscrever o sujeito no mundo com sentido.

Como nos ensina Paulo Freire, a leitura da palavra nasce da leitura do mundo — e foi exatamente isso que buscamos: um ensino que parte da vida e a ela retorna, transformado.

Emília Ferreiro nos mostra que a criança constrói hipóteses sobre a escrita, e aqui, essas hipóteses foram alimentadas pelo concreto, pelo simbólico, pelo coletivo.

Já Vygotsky nos lembra que é na interação que o aprendizado se realiza — e nossas aldeias foram territórios vivos dessa construção compartilhada.

E ao trazer a Cultura Puri para o centro, ecoamos também vozes indígenas que insistem em permanecer.

Como nos ensina Ailton Krenak, precisamos adiar o fim do mundo — e talvez isso comece justamente assim: ensinando nossas crianças a se reconhecerem como parte da natureza, da história e da coletividade.

Este não foi apenas um registro pedagógico. Foi um gesto de resistência, de escuta e de amor. Porque ensinar, quando feito com verdade, é também um ato profundamente poético.

Vassouras, 06 a 10 de abril de 2026
Professor Humberto Michaeli

Gratidão!

O Instituto Genildo Batista-IGB, agradece ao professor Humberto Michaelli por esse texto , que retrata uma experiência extraordinária e o parabeniza por esse ato de amor para com a Educação e para com a humanidade!

Edição, Diagramação e Revisão
Lujan Maria Bacelar de Miranda